

A minha família

Eu me lembro dos sons da fábrica onde nasci. De um lado, ouvia tubos metálicos sendo cortados e do outro, o barulho das soldas. Vi quando as nossas rodas foram montadas, os raios colocados e as câmaras embutidas nos pneus. A minha montagem terminou com o encaixe de todas as engrenagens e fui embalada numa grande caixa de papelão. Fui despachada para São Carlos, cidade do interior do estado de São Paulo. E na prateleira de uma loja fiquei por meses, até que alguém me escolheu e me levou para casa. Naquele tempo de espera, conversei com outras bikes sobre como poderiam ser nossas vidas futuras. Algumas imaginavam um parceiro aventureiro com quem iriam conhecer muitos lugares diferentes. Outras apostavam em um fanático por videogame e esperavam uma vida sem muitas emoções, talvez esquecidas por um tempão em algum canto da casa.

No dia em que Téo entrou na loja com seu pai, e me escolheu, logo percebi que teria uma vida movimentada. O menino andou irrequieto por todo o espaço fazendo perguntas para o vendedor enquanto o mecânico me ajustava. Quando fiquei pronta, ele quis me montar e saiu pedalando na pracinha em frente à loja. Téo explicou para seu pai que daria uma voltinha para ajustar a altura do banco, mas vi que ele queria mesmo era experimentar os meus limites. Pedalou rápido e alcançou a velocidade máxima que conseguiu. Senti o vento batendo de frente no meu guidão pela primeira vez, e uma incrível sensação de liberdade tomou conta de todas as minhas peças. Nesse curto giro percebi, feliz, que faríamos uma dupla perfeita.



Quando voltamos para casa, dois pares de olhos vieram me espiar: Luísa, a mãe de Téo, e Caio, o irmão menor. O pai dele, Zeca, propôs que eu fosse batizada e pediu sugestões. Téo sugeriu o nome Teca e todos aprovaram. Zeca observou que meu nome juntava os nomes dos dois filhos. Fiquei comovida e recebi esse nome como um presente. Naquele momento, eu me lembrei das histórias contadas pelas bicicletas lá da oficina da loja: quando entramos em famílias grandes, diziam elas, vamos trocando de dono, começamos com os meninos mais velhos e terminamos pertencendo aos caçulas.

E para completar minha chegada a esse novo endereço, Téo me levou para a garagem e me apresentou para as duas bikes da casa:

– Essa é Muleta, do papai, e Picorrucha, a bike do Caio – disse ele.

Com o tempo, fui conhecendo melhor Téo, um menino caprichoso e que cuida muito bem de mim. Tenho as peças sempre ajustadas e lubrificadas; enquanto ele me lava, conta dos seus planos e de onde quer ir pedalar. Escuto tudo e fico sonhando com os roteiros que vou fazer com ele, porque adoro passear. Eu não sei se você sabe, mas nós, bikes, ouvimos os humanos e entendemos tudo. Só não conseguimos nos comunicar pela fala com eles, apenas com outras bikes e animais.



Eu fui premiada por entrar numa família amorosa. Ouçam o que aconteceu outro dia, para vocês terem uma ideia de como a turma lá de casa é unida. Eu e Téo estávamos saindo para pedalar e Caio disse que queria ir junto com a sua bike. Fiquei animada com a ideia, porque teria a companhia da Picorrucha e ela sempre tem uma história nova para me contar. Luísa chegou na hora da saída e não deixou:

– Você é pequeno para essas trilhas mais longas, Caio.

– Ah não, mamãe, quero ir.

– Você quer fazer tudo o que seu irmão mais velho faz, mas não tem tamanho! Quer dizer que se o Téo pular da ponte, você vai pular também?

– Se for para salvar meu irmão, pulo sim mamãe!

Percebi que Luísa se surpreendeu com a resposta do Caio. Ela deu um abraço de tamanduá nele e ficou grudadinha nas suas costas.

– Você tem um coração grande demais, meu filho! Vai crescer e, logo, vai poder fazer tudo o que quiser! – disse Luísa.



Eu e Téo também nos aproximamos do Caio; Téo bateu a minha roda da frente na roda da Picorrucha, apertou a minha buzina e disse:

– Mano, cresce logo. Você vai ser gregário quando pedalar com o seu grupo.

Eu pensei, cá com meus pedais: “Se o Caio estava disposto a se arriscar pelo irmão mais velho, é sinal de que vai ser um bom parceiro quando rodarmos juntos no futuro”.

O Téo já sabe o que quer fazer quando crescer; ouvi quando ele disse aos pais que vai fazer o curso de Biologia. Luísa diz que ele herdou essa paixão do avô, apelidado na cidade como Chico Passarinho, por atrair as aves para o jardim de sua casa. Téo ama esses bichos voadores e participa de um grupo de ornitólogos mirins. Eles são pequenos cientistas que estudam as aves. Quando saem para fazer observação, levam nas mochilas binóculos, máquinas fotográficas, microfones, celulares, além dos seus lanchinhos. E nós, bikes, vamos juntas e vivemos muitas aventuras, rodando com eles por aí.

A conversa desses meninos é sempre animada durante todo o caminho. Mas quando se aproximam da área onde encontram as aves, todos ficam quietos e atentos. Segundo ouvi de Felipe, o melhor amigo de Téo, eles ficam assim para fazerem fotos e gravações dos sons emitidos pelas aves que encontram. Mais tarde, em casa, eles se reúnem, escolhem o material mais importante e mandam para um grande banco de dados na internet.

De tanto rodar com essa turma, estou virando uma especialista em aves e não paro de aprender. Outro dia, uma ema começou a correr do nosso lado na trilha do cerrado, e vi quando Kika, a amiga do Téo, arrancou na frente e saiu em disparada, pedalando bem rápido do lado da ave.

– O que você está fazendo?! – gritou Téo.

– Estou correndo para fazê-la decolar – respondeu Kika, olhando para trás.

– Que é isso? Você esqueceu que ema não voa?

– Ah, não! É verdade!... – disse Kika, brecando de repente.

E eu tinha pensado que toda ave voava! Que chato ter asas e não conseguir sair do chão. Se eu fosse uma ave, eu gostaria de ser uma ave voadora.